

AS TRAMAS DO NASCIMENTO PSÍQUICO NO CONTO A LEGIÃO ESTRANGEIRA, DE CLARICE LISPECTOR

Ana Laura Moraes Martinez

RESUMO:

A autora propõe uma interpretação psicanalítica do conto A legião estrangeira, de Clarice Lispector, buscando lançar luz sobre o processo de constituição do psiquismo humano. Por meio da desamparada figura do pinto amarelo, bem como da menina Ofélia, Clarice narra as turbulências que o infante deverá atravessar em seu desenvolvimento para vir a se tornar, de fato, um humano. Nesse sentido, será nosso propósito mostrar como Clarice demonstra apreender o profundo mistério implicado no ato do nascimento psíquico de um ser que necessita de suporte e contenção para sobreviver ao susto frente à vida. Ao final, consideramos que Clarice toca em aspectos fundamentais da liberdade e da responsabilidade humana diante de sua própria condição de poder sustentar o peso de sua existência.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Nascimento psíquico. Infância. Clarice Lispector. Função materna.

AS TRAMAS DO NASCIMENTO PSÍQUICO NO CONTO A LEGIÃO ESTRANGEIRA, DE CLARICE LISPECTOR

Introdução

No conto de Clarice Lispector, “A legião estrangeira” (Lispector, 1964), uma mulher madura, casada e mãe de quatro filhos, narra o impacto emocional que o contato mantido no passado com uma menina de oito anos chamada Ofélia e seus pais, ambos seus vizinhos, teve sobre ela. Estas lembranças são evocadas no momento em que a narradora, por ocasião do Natal, havia ganhado de presente um pinto amarelo; situação que a faz se lembrar da família de Ofélia e do pinto amarelo que a menina matara.

Nesta ocasião, era Páscoa e a narradora havia comprado um pinto amarelo para dar a seus filhos. Nesta mesma época, a menina Ofélia vinha importunando a narradora com visitas rotineiras nas quais se comportava de um modo arrogante. Dizia saber tudo, chamava a narradora de esquisita e falava coisas que colocavam a mulher em situações muito desconcertantes. Por exemplo, ao ver a narradora fazer uma torta de legumes com tampa, ela imediatamente dizia que tortas de legumes não têm tampas. Dias depois, a narradora via na padaria que, realmente, tortas de legumes não levam tampas. Se Ofélia via a narradora de robe, imediatamente dizia que sua mãe, logo ao se levantar, nunca ficaria com estes trajes. Em suma, a menina, com seu vestido impecável e cheio de babados, fazia de tudo para desconcertar a narradora, colocando-a em uma situação de inferioridade. Gozava diante do desconcerto e da humilhação daquela mulher. Filha de um pai agressivo e de uma mãe que evitava situações de intimidade, Ofélia e seus pais pareciam fazer o possível para se portarem de modo superior e arrogante com relação à vizinha.

Mas, certo dia acontece algo inesperado: a menina vê perambulando pela cozinha um lindo pinto amarelo. Esta visão a deixa em estado de êxtase e provoca nela forte angústia. Como era possível que a narradora, a quem ela julgava nada saber e nada ter de interessante, ter algo tão lindo e desejável? A partir deste instante, uma profunda transformação ocorre no íntimo dela. A sensível narradora diz que a partir de agora, ela se transformara em criança humana. Ofélia fica apaixonada pelo pinto, a quem manuseia com todo o cuidado. Dá orientações à narradora para que ela não deixe mais ninguém tocar no pinto, exceto ela. Enquanto isso, a narradora sente-se liberada da tirania da menina e volta para sua máquina de escrever. Mas, neste ínterim acontece algo desastroso: Ofélia, que ficara sozinha com o pinto amarelo na cozinha, o mata asfíxiado. Aterrorizada com o que fez, parte para sua casa e deixa o pinto estendido na cozinha. Esta se lamenta: não deu tempo de explicar à menina como o amor é perigoso.

O conto termina no momento em que a narradora, voltando-se para o tempo presente e para o pinto de Natal piando em sua cozinha, bate um bolo para a ceia.

Escolhi trabalhar com este conto de Clarice porque penso que ele narrativiza um aspecto caro à psicanálise e também aos escritores e poetas: nossa maior ou menor aceitação da nossa condição humana que passa necessariamente pela vivência da castração.

Ofélia e seus pais tinham dificuldade para enxergarem-se como humanos e não como deuses. Defendiam-se em seus narcisismos (Freud, 1914) do que rege a vida humana, trágica por excelência: a dependência dos vínculos afetivos, diferença entre gerações e entre os sexos (com pênis e sem pênis) e o avistar da incômoda distância que existe entre os desejos e a realidade. Por isso Ofélia não podia se enxergar como criança que, de fato, era. Ser criança / humana para ela era algo por demais humilhante e ultrajante. Acreditava-se, portanto, de forma alucinada como uma mini-adulta. Deixava a criança, ou seja, suas partes indesejáveis porque dependentes e impotentes à narradora, que se prestava a viver isso por ela. Talvez por isso Ofélia tenha se aproximado de sua vizinha.

Ao longo de quase toda a sua obra, Freud (1900; 1923; 1924; 1950) postulou que o ingresso do bebê humano em um universo simbólico depende de como este será confrontado ao seu mito de origem, ou seja, às vivências edípicas que muito mais do que um “complexo” são um elemento mítico (história das origens) com o qual todo o humano deve se a ver. No conto observamos que Ofélia inicia seu processo de transformação em humana no exato momento em que, questionada duramente em seu narcisismo, avista o lindo pinto amarelo da narradora, em uma referência clara ao momento inaugural do mito edípico e da castração (há alguém que tem o pinto / pênis desejado e que não é ela). Avista, portanto, algo que despertava o seu desejo de posse, mas que era não dela. Momento traumático em que a percepção da castração se instaura possibilitando a única via do nascimento do desejo: a percepção de que algo falta em si, mas que o outro tem.

Bion (1957) expandiu a mitologia edípica trabalhada por Freud enfatizando menos o crime sexual, como fizera este, e mais o crime da arrogância de Édipo. Dito de outro modo: para Bion, o que levou Édipo ao seu desfecho trágico foi menos o fato de ter concretizado seus desejos edípicos e mais a sua arrogância frente à verdade da cena primitiva. Para ele, a postura arrogante de Édipo frente a Tirésias revela a presença de

AS TRAMAS DO NASCIMENTO PSÍQUICO NO CONTO A LEGIÃO ESTRANGEIRA, DE CLARICE LISPECTOR

uma catástrofe ocorrendo no eu que, frente à percepção da cena edípica de base sexual, ataca o próprio aparelho de percepção que o coloca em contato com ela. Levando-se em conta que a personagem Ofélia e sua família portavam-se de forma estúpida e arrogante com relação à narradora do conto de Clarice Lispector, será nosso propósito mostrar como, neste caso, vivências catastróficas frente à cena primitiva estiveram em ação.

Acompanhando a narradora descrever seu impacto emocional diante do pinto piando em sua cozinha e, em seguida, seu impacto diante da arrogância da menina Ofélia e de sua família, hipotetizarei que a escritora compartilha com o leitor dois instantes fundantes do psiquismo humano: a pura pulsionalidade que marca os nossos inícios, algo que está inscrito na figura do pinto da primeira parte do conto; e, a saída alucinada frente ao horror da cena edípica e da castração, situação descrita por meio da personagem Ofélia. Mas, vejamos mais detidamente como Clarice trabalha estes elementos em seu conto.

A Legião Estrangeira

A narradora inicia o conto deslocando o leitor de suas certezas sobre o que é isso que chamamos comumente um humano. Diz que, com honestidade, responderia a um júri fictício que mal conheceu Ofélia e seus pais, assim como mal se conhece. Também diria às pessoas que lhe perguntam isso – pessoas estas que “se hipnotizaram para a obediência” (p. 25) – que mal as conhece. De chofre, Clarice nos retira do lugar comum das certezas que o humano constrói sobre si mesmo e sobre o outro, no qual se instala confortavelmente para evitar o desconfortável contato com o mistério e com o não saber. Para ela, nesta condição estamos hipnotizados para a obediência, ou seja, para não nos questionarmos acerca de coisas que tomamos como óbvias.

Esta perspectiva, que desloca das certezas, é bastante compatível com o olhar do psicanalista que subverte os sentidos já dados, que chama a atenção do humano para aquilo que ele desconhece em si mesmo. Clarice, direta ou indiretamente, nos aponta que, para podermos apreender o que é o humano (e o que ele não é) devemos manter aquilo que Bion (1970), inspirado no poeta Keats, nomeou de capacidade negativa. Capacidade negativa refere-se a um estado mental em que o homem é capaz de permanecer em contato com as incertezas, mistérios e dúvidas sem qualquer tentativa impaciente de alcançar fato e razão. Este estado, naturalmente desconfortável ao

humano porque o coloca em contato direto com aquilo que ele não sabe, é fundamental para que novos sentidos possam ser acessados.

Mas, como o contato com o desconhecido provoca turbulências emocionais intensas e, por isso, não pode ser sustentado por muito tempo na mente humana, Clarice na voz da narradora, diz que logo acorda do longo sono e volta-se “com docilidade para o delicado abismo da desordem” (p.61). Há aqui um tom irônico, que brinca com os termos docilidade e delicado como se, indiretamente, Clarice também chamasse a atenção para sua não docilidade – seu espírito selvagem – que corajosamente abre os olhos (ou os fecha, como fazemos nos sonhos?) para outro universo, não delicado, não óbvio. Este é o universo descrito pela psicanálise como sendo próprio do inconsciente, ou seja, daquilo que é pulsional no humano e que é regido por outra lógica totalmente alheia à racionalidade.

Encontramos também na psicanálise este olhar não óbvio para o que chamamos de um humano. Winnicott (1988) considera que o fato de se ter um corpo não define, por si só, a existência de um humano. Ao contrário, o sentimento de existência, que ele chama de *self* (diferente de ego) deriva-se de um delicado e intrincado processo de nascimento psíquico que dependerá do modo como o bebê é cuidado e investido pelo seu ambiente materno. Dito em outros termos: não se pode tomar como certo o sentimento básico de existência de uma pessoa pelo simples fato de ela ter um corpo. Para a psicanálise, o nascimento psíquico não depende, tão somente, do nascimento do corpo.

Esta complexidade humana encontra-se bem descrita no texto quando, por exemplo, Clarice utiliza a figura do desamparado pinto, piando em sua cozinha, para representar o desamparo que o humano vive em seus inícios; algo que precisa ser contido e metabolizado pelos cuidadores.

Usando o modelo do pinto, Clarice, na voz da narradora, descreve, de forma poética, a presença terrorífica deste ser em sua cozinha, precisando desesperadamente de alguém para amá-lo (da perspectiva do humano que o olha). Este novo-velho pinto faz a narradora lembrar-se de Ofélia e de sua família “coberta”, de sua relação incômoda com os mesmos e, principalmente, do pinto que fora assassinado pela menina, tempos atrás nesta mesma cozinha, em seus arroubos de paixão violenta.

Narrando a presença aflita do pinto piando em sua cozinha, Clarice parece tentar encontrar alguma representação para esta forma de vida pulsante, na qual ela “nem sabia

AS TRAMAS DO NASCIMENTO PSÍQUICO NO CONTO A LEGIÃO ESTRANGEIRA, DE CLARICE LISPECTOR

sequer onde cabia tanto terror numa coisa que era só penas” (p.97). A presença piante do pinto desesperado remete, portanto, aos inícios da vida humana desamparada em sua radicalidade. Assim diz Clarice sobre o pinto:

Era impossível dar-lhe palavra asseguradora que o fizesse não ter medo, consolar coisa que por ter nascido se espanta. Como prometer-lhe o hábito? Pai e mãe, sabíamos quão breve seria a vida do pinto. Também este sabia, do modo como as coisas vivas sabem: através do susto profundo (LISPECTOR, 1964, p.100).

Clarice capta que o nascimento espanta e que não há como prometer hábitos para acalmar da percepção inexorável, que só o humano tem, de que sua vida é finita e absolutamente frágil. Em suma, em se tratando da vida humana, não há garantia, estabilidade, continuidade. Este sopro de percepção da fragilidade da vida, vivida de forma radical e intensa nos nossos inícios, provoca susto profundo nas coisas vivas e por isso precisa de amparo e proteção, ou seja, precisa de pai e mãe capazes de sustentar ao pequeno *infante* (pinto) o contato com o mistério e com o imponderável da vida. Esta situação dramática não acontece com os animais, que não têm consciência de sua própria existência e, portanto, da sua finitude. Neste sentido, pode-se considerar que os humanos ali presentes – a narradora, seus filhos e marido – identificam-se com a fragilidade do pinto, situação que os coloca em contato direto com as suas próprias. É por isso que o filho mais novo, não suportando mais aquela situação terrorífica do pinto piando, pede à narradora: “Você quer ser a mãe dele?” (p. 100).

Quer dizer, diante do desamparo radical que é a vida humana, alguém precisa maternar, assumir este desamparo todo para si, responsabilizar-se por ele. Caso isso não ocorra, a vida humana se torna insustentável, do ponto de vista físico e psíquico. Neste sentido, é possível considerar que um dos recursos mais atávicos de sobrevivência do animal humano é a busca por ser objeto de amor de alguém.

No conto, a partir do momento em que a narradora aceita ser a mãe do pinto, começa a vivenciar sensações típicas da mãe identificada ao desamparo do seu bebê. Assim ela diz:

Eu disse que sim, em sobressalto. Eu era a enviada junto àquela coisa que não compreendia minha única linguagem: eu estava amando sem ser amada. A missão era falível, e os olhos de quatro meninos aguardavam com a intransigência da esperança o meu primeiro gesto de amor eficaz. Recuei um pouco, sorrindo toda solitária, olhei para a minha família, queria que eles sorrissem. Um homem e quatro

meninos me fitavam, incrédulos e confiantes. Eu era a mulher da casa, o celeiro. (...) Tentei isolar-me do desafio dos cinco homens para também eu esperar de mim e lembrar-me de como é o amor. Abri a boca, ia dizer-lhes a verdade: não sei como (LISPECTOR, 1964, p.100).

Do ponto de vista de Winnicott (1956), a narradora estaria vivenciando o que ele chamou de preocupação materna primária, ou seja, um estado de profunda identificação com o desamparo do pinto. Há, de sua parte, uma apreensão de que este papel cabe à mulher, celeiro dos nascimentos. Neste processo, mágico e imensamente doloroso para a dupla, o encontro só irá acontecer, com o pequeno animal humano se sentindo contido em suas angústias primordiais, se a mãe puder se despir de suas certezas e mergulhar, toda ela, no mundo das coisas não representáveis, ou seja, no mundo do terror. É por isso que a narradora se angustia e diz que não sabe o que é amar. É somente a partir daí – do contato profundo com as incertezas e com o mistério da vida – que ela se descobre já amando. E é neste momento que a narradora se lembra de Ofélia, a menina de cachos duros.

A narradora descreve Ofélia e seus pais como uma família arrogante e assustada com os mistérios da vida. Viviam psiquicamente em um estado de ausência de intimidade, consigo mesmos e com seus semelhantes. O mundo dos vivos parecia-lhes extremamente assustador. Assim ela descreve pai e mãe de Ofélia:

Quando éramos forçados no elevador a contato mais prolongado, ele aceitava a troca de palavras num tom de arrogância que trazia de lutas maiores. Até chegarmos ao décimo andar, a humildade a que sua frieza me forçara já o amansara um pouco; talvez chegasse em casa mais bem servido. Quanto à mãe de Ofélia, ela temia que à força de morarmos no mesmo andar houvesse intimidade e, sem saber que também eu me resguardava, evitava-me. A única intimidade fora a do banco do jardim onde, com olheiras e boca fina, falara sobre enfeitar bolos. Eu não soubera o que retrucar e terminara dizendo, para que soubesse que eu gostava dela, que o curso de bolos me agradaria. Esse único momento mútuo afastara-nos ainda mais, por receio de um abuso de compreensão (LISPECTOR, 1964, p.101).

Neste trecho é possível observar a presença do que em psicanálise se nomeia de mecanismo de Identificação Projetiva, amplamente descrito por Melanie Klein (1940). Trata-se de um mecanismo primitivo de defesa psíquica que serve para proteger o psiquismo de sentimentos considerados intoleráveis por meio da projeção de fantasias inconscientes. No caso do pai de Ofélia, ele depositava na narradora seus sentimentos

AS TRAMAS DO NASCIMENTO PSÍQUICO NO CONTO A LEGIÃO ESTRANGEIRA, DE CLARICE LISPECTOR

humanos e sua incapacidade de se vincular, fazendo-a, ela própria, sentir-se humilhada com o seu anseio por vínculos. Hipotetiza-se que este homem considerava que os vínculos humanos era para ele sinônimo de fraqueza. Sua condição de dependência do outro, o fazia se sentir humilhado e ultrajado. Estamos, portanto, no campo da arrogância. Clarice capta, de forma profundamente intuitiva, que por trás da arrogância o que há é uma catástrofe psíquica, que ela sabiamente nomeia por “lutas maiores”. Esta perspectiva é compartilhada com Bion (1958) que considera que, na mente dominada pelo sentimento de arrogância, houve uma catástrofe emocional, provocada pelo predomínio do ódio e dos ataques aos vínculos. Esta família extremamente assustada com tudo o que é humano encontrava-se, portanto, com sérias dificuldades de contenção e acolhimento dos mistérios da vida, algo que parece ter dificultado enormemente o nascimento psíquico de Ofélia.

Por isso ela se parecia mais um mini-adulto, portando-se de forma arrogante e estúpida para com a narradora. Apesar disso, Ofélia gostava desta e insistia em procurá-la para questionar todos os seus gestos, criticar suas roupas e humilhá-la como podia. A narradora suportava este fardo e se questionava por que esta menina insuportável a perseguia. De um ponto de vista psicanalítico, hipotetiza-se que Ofélia intuía que a narradora lhe oferecia um continente mental, misterioso e receptivo a explorações; algo que a mãe não podia lhe oferecer, dado seu apego excessivo ao mundo concreto. Não havia neste contexto familiar espaço para produção de sonhos: única condição que possibilita a um animal humano se humanizar e se socializar. A narradora oferecia isso a Ofélia.

No início, como em todo início, a menina negava qualquer percepção de separação com a narradora. Em sua perspectiva, eram uma só, sendo a narradora uma espécie de apêndice ou continuidade dela. Ofélia negava a dolorosa percepção de que era uma criança e não uma adulta, como tanto ansiava ser. Negava com isso sua própria condição humana, dependente de vínculos amorosos. Ao contrário do pinto, Ofélia não pudera ser contida em seu terror por existir. Para se defender desta percepção dolorosa, percebia-se como adulta, já sabendo tudo.

Esta percepção é quebrada quando Ofélia descobre que a narradora tem algo que ela não tem: um pinto. Neste instante, vital e doloroso, faz-se a separação vital e Ofélia percebe que a narradora não é uma extensão de si mesma, mas uma alteridade. Nasce,

neste momento, a menina humana. Pela beleza do trecho vale a pena transcrevê-lo na íntegra:

E a sombra se fizera. Uma sombra profunda cobrindo a terra. Do instante. Do instante em que involuntariamente sua boca estremeceu quase pensara “eu também quero”, desse instante a escuridão se adensara no fundo dos olhos num desejo retrátil que, se tocassem, mais se fecharia como folha de dormideira. E que recuava diante do impossível, o impossível que se aproximara e, em tentação fora quase dela: o escuro dos olhos vacilou como um ouro. Uma astúcia passou-lhe então pelo rosto – se eu não estivesse ali, por astúcia, roubaria qualquer coisa. Nos olhos que pestanejaram à dissimulada sagacidade, nos olhos a grande tendência à rapina. Olhou-me rápida, e era a inveja, você tem tudo, e a censura, porque não somos a mesma e eu terei um pinto, e a cobiça – ela me queria para ela. (...) Alguma coisa acontecia que eu não conseguia entender a olho nu. E de novo o desejo voltou. Dessa vez os olhos se angustiaram como se nada pudesse fazer com o resto do corpo que se desprendia independente (LISPECTOR, 1964, p. 106)

A narradora sabe estar presenciando um nascimento: um resto de corpo se desprendia independente, fazendo o corte necessário e radical. Eu sou eu. Você é você. Nascia, assim, um humano, em seu total e radical ato de liberdade e solidão. A partir daí Ofélia estaria condenada a se responsabilizar pelos seus próprios desejos, aceitar-se faltante e nunca completa. A presença da inveja viria como uma tentativa, quase desesperada ainda, de acreditar que a narradora tinha tudo ao passo que ela não tinha nada. Ilusão que necessariamente leva à desilusão, pois ninguém tem tudo. Esta é outra aprendizagem dolorosa pela qual Ofélia deveria passar, pois não há o que invejar quando se tem contato com a verdade trágica de que todos são iguais, em sua condição humana: frágeis, limitados e mortais.

Considera-se, portanto, que a presença de fortes componentes invejosos em Ofélia, e também em seus pais, conforme capta a narradora, derivava-se desta percepção dolorosa: a de que a narradora tinha bondade suficiente para amar-se e amar o humano, mesmo com suas imperfeições e limitações constitutivas. Pensamos ser esta a fonte mais profunda da inveja no humano – a percepção de que alguém é capaz de se perceber limitado e, ainda assim, ser capaz de amar a si mesmo, aos outros e à vida. Dito de outro modo: inveja-se a bondade que alguns seres humanos possuem de suportarem o peso de suas falhas e, ainda assim continuarem investindo amorosamente na vida. Neste caso, não se sucumbiu às forças disruptivas, que Freud (1920) nomeou de pulsão de morte, que se ativam a cada vez que um humano, movido por forças amorosas, faz um investimento na vida.

AS TRAMAS DO NASCIMENTO PSÍQUICO NO CONTO A LEGIÃO ESTRANGEIRA, DE CLARICE LISPECTOR

A narradora sabe intuitivamente isso e necessita sustentar este mistério para que Ofélia possa nascer. Trata-se do mesmo paradoxo com o qual cada ser humano deverá se confrontar na vida: Como podemos sustentar o desejo pela vida sabendo que a vida humana não tem sentido, sem cair em um terrível pessimismo? Como sustentar o desejo que nunca será plenamente satisfeito? Era sobre isso que pensava a narradora, quando assistia ao nascimento da menina Ofélia:

Nela a grande pergunta me envolvia: vale a pena? Não sei, disse-lhe minha quietude cada vez maior, mas é assim. Ali, diante do meu silêncio, ela estava se dando ao processo, e se me perguntava a grande pergunta, tinha que ficar sem resposta. Tinha que se dar – por nada. Teria que ser. E por nada. Ela se agarrava em si, não querendo. Mas, eu esperava. Eu sabia que nós somos aquilo que tem que acontecer. Eu só pudei servir-lhe a ela de silêncio. E deslumbrada de desentendimento, ouvia bater dentro de mim um coração que não era o meu. Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em uma criança. Não sem dor. Em silêncio eu via a dor de sua alegria difícil. A lenta cólica de um caracol. (...) Ela não me perdia de vista: havia marca de pés que ela não via, por ali alguém tinha andado, e ela adivinhava que eu tinha andado muito. Mais e mais se deformava, quase idêntica a si mesma. Arrisco? Deixo eu sentir, perguntava-me ela. Sim, respondeu-se por mim. (...) A agonia de seu nascimento. Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser outro que se é, a nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo (LISPECTOR, 1964, p.107).

Neste trecho Clarice fala da coragem que é requerida de um ser humano ao nascer, o mesmo que captara Guimarães Rosa (1986) quando disse, na voz do heroico Riobaldo, ter mais medo de nascimentos do que de mortes. Clarice sabia, assim como Guimarães, que nascer é arriscado demais e que, conforme ela diz, “também se morre em criança sem ninguém perceber” (p.107).

Do ponto de vista psicanalítico, considera-se que mais arriscado do que a morte de uma criança é a impossibilidade de ela sequer chegar a nascer, do ponto de vista psíquico, na mente de seus genitores. Este trabalho de nascimento psíquico, como já formulado acima, depende do exercício de devoção de um adulto, preferencialmente a mãe, capaz de emprestar sua mente para viver junto do bebê seus terrores e medos inomináveis. Não se trata, como Clarice bem coloca, da situação em que a mãe resolverá o paradoxo do viver humano ao pequeno *infante*. Trata-se mais de um trabalho silencioso, mas ativo, de amortecimento do choque gerado pela percepção de que se é separado do outro. Este nascimento psíquico leva o pequeno *infante* diretamente ao mito

edípico e ao Outro da mãe (pinto), algo que fica configurado no texto quando Ofélia percebe que naquela cozinha já se havia andado muito, ou seja, que a narradora tinha uma vida independente e anterior a ela.

Neste nascimento psíquico instala-se o desejo, ou melhor, a percepção do pequeno *infante* de que se é um sujeito desejante, mas também faltante. Instala-se, do ponto de vista psíquico, a diferença entre as gerações, bem como as noções de tempo e espaço. No que se refere ao desejo, há um jogo interessante proposto pela narradora / mãe à agora criança Ofélia. A solicitação, que num primeiro momento parece à narradora pura crueldade e desejo de vingança, é para que a menina se responsabilize pelo seu próprio desejo e arque com as consequências por ele. Além disso, este jogo consiste em uma espécie de costura feita entre o desejo e o objeto de desejo que, nesse caso, chamava-se o pinto da mãe / narradora. De uma perspectiva psicanalítica, o pinto desejado por Ofélia era o objeto do desejo da narradora (o terceiro, o marido da mãe), situação que irremediavelmente nos faz pensar nas costuras edípicas que agora podiam começar a se engendrar dentro da menina. O jogo ao qual nos referimos fica explícito na seguinte passagem:

Sei que deveria ter mandado, para não expô-la à humilhação de querer tanto. Sei que não deveria ter dado a escolha, e então ela teria a desculpa de que fora obrigada a obedecer. Mas, naquele momento não era por vingança que eu lhe dava o tormento da liberdade. É que aquele passo, também aquele passo ela deveria dar sozinha. Sozinha e agora (LISPECTOR, 1964, p. 108).

Existe aqui uma percepção da narradora (de Clarice) de que desejar é um ato heroico e corajoso e que cabe aquele que se dedica ao nascimento psíquico de um humano tão somente sustentar o susto e o pavor daquele que agora se percebe existindo e desejando; situação que leva, irremediavelmente, a percepção da falta. Este percurso, como sabia Clarice, deve ser trilhado pelo sujeito que se descobre vivo e pulsante, de forma solitária, embora, neste caso, em uma solidão acompanhada. Diante do nascimento do psiquismo e da percepção de que se é separado do outro surge o ódio e a indagação: porque é que você não me livra deste tormento? É o que assevera Melanie Klein (1957) quando argumenta que para um bebê, em inícios de vida, não existe um seio que às vezes é eficiente e às vezes frustra. O que há no início é um seio mau que, se não salva o bebê de seu apuro, é por pura maldade, ou melhor, para guardar todo o prazer para si. Este processo de ligação pelo ódio gerado pela incapacidade da criança

AS TRAMAS DO NASCIMENTO PSÍQUICO NO CONTO A LEGIÃO
ESTRANGEIRA, DE CLARICE LISPECTOR

perceber que a mãe não pode livrá-la de todos os males comparece no conto quando, depois de se ver separada da narradora, Ofélia tem que lidar com a frustração:

Ficamos nos defrontando, dissemelhantes, corpo separado de corpo; somente a hostilidade nos unia. Eu estava seca e inerte na cadeira para que a menina se fizesse dor dentro de outro ser, firme para que ela lutasse dentro de mim; cada veze mais forte à medida que Ofélia precisasse me odiar e precisasse que eu resistisse ao sofrimento do seu ódio. Não posso viver isso por você – disse –lhe minha frieza (LISPECTOR, 1964, p. 109).

Neste momento a função da mãe é sobreviver ao ódio da criança, assim como intui a narradora, que sente depender de sua capacidade de ser firme a sobrevivência de Ofélia. Se este processo doloroso e intenso requer altas doses de coragem e também muita capacidade para amar, também é necessário que o pequeno *infante* faça a sua parte. Ofélia estava sendo agora concebida por uma mente capaz de vibrar com a beleza e com a feiura do mundo. Estava tendo uma nova chance. Mas, as forças de Thânatos falaram mais alto e Ofélia não consegue sustentar tanta beleza e mistério dentro de si. Termina o conto matando o pinto, o tão desejado e odiado pinto que representava, a um só tempo, o seu oásis e o seu inferno. A narradora capta a catástrofe e o sentimento é o de perder, para sempre, a menina Ofélia:

A uma distância infinita eu via o chão. Ofélia, tentei eu inutilmente atingir à distância o coração da menina calada. Oh, não se assuste muito! Às vezes a gente mata por amor, mas juro que um dia a gente esquece, juro! A gente não ama bem, ouça, repeti como se pudesse alcança-la, antes que, desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir ao nada (LISPECTOR, 1964, p. 111).

Ofélia não suportou manter contato com a verdade de sua condição humana se refugiou no nada que aqui representa um regresso ao narcisismo. Altivamente, ou seja, voltando a assumir uma posição de arrogância frente ao objeto, Ofélia mata o pinto, que lhe lembrava, tão agudamente, de como era ser criança, de como era ser humana, de como era ser faltante. O lembrete da narradora de que o amor humano é artifício perigoso não chega a tempo. No final do conto, portanto, Clarice compartilha com o leitor sua visão do humano sempre um pouco espantado com o que ele próprio é capaz de fazer em termos de construção e de destruição.

Consideramos que neste final Clarice compartilha conosco um conhecimento muito certo, mas também incômodo e indigesto de ser apreendido— o de que, às vezes, o animal humano pode não suportar o peso de sua existência e “escolher” se refugiar no narcisismo mortífero em que a necessidade dos vínculos humanos é absolutamente negada. No caso de Ofélia, seja pelo excesso de inveja e sentimentos de ódio, tal como descreve Bion (1957) com relação às partes psicóticas da personalidade, seja porque as relações primordiais não foram suficientemente contidas para auxiliar o seu nascimento psíquico, a escolha foi pelo narcisismo.

Neste sentido, o desfecho trágico deste conto nos possibilita pensar nas reais limitações que temos para ajudar outros seres humanos a nascer psiquicamente, quando este trabalho não pôde ser bem costurado e estabelecido em seus inícios. Até que ponto, quando relações precoces foram insuficientes e alienantes do ponto de vista mental, é possível fazer reparações, novas construções e introjeções? Até que ponto novas construções e introjeções podem ser feitas quando os sentimentos invejosos e de ataques à verdade são muito excessivos?

Pois, mesmo que conte no início da vida com relações mais ou menos satisfatórias, o bebê humano necessita fazer sua parte em sua luta pela árdua existência humana. Esta questão - da extrema liberdade e responsabilidade humana com aquilo que se é - fica bem delineada no final do conto. Clarice, na voz da narradora, pôde sustentar o mistério para a menina Ofélia, mas foi ela quem não pôde suportar tanta verdade, tanta beleza, tanto mistério e assassinou o pinto que representava, em última instância, sua aceitação da realidade humana que passa necessariamente pelo mito edípico. Seja pelo excesso de sentimentos invejosos, seja pela intolerância à dor mental, o fato é que Ofélia não suportou se perceber humana, se perceber limitada e faltante; algo que Édipo exilado em Colono (Sófocles, 1990) pôde apreender na aurora de sua vida.

Em suma, neste conto Clarice alerta-nos para o fato de que o ser humano é sempre um pouco legião estrangeira em sua própria casa, por desconhecer a língua selvagem de seus impulsos. Para se tornar um pouco menos estrangeiros a si mesmo, Clarice inspira e convida: abra (ou feche?) os olhos e vá além da docilidade.

AS TRAMAS DO NASCIMENTO PSÍQUICO NO CONTO A LEGIÃO
ESTRANGEIRA, DE CLARICE LISPECTOR

Referências:

BION, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revistados*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).

BION, W. R. (1994). Sobre a arrogância. In Bion, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. (pp. 101-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).

BION, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).

FREUD, S. (1996). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira*. Vol. 1, pp. 219- 331. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1892-1899]).

FREUD S. (1996). Interpretação dos sonhos. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira*. Vol. 4 e 5, pp. 240-321. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

FREUD, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira*. Vol. 14, pp. 77-111. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. (1996). Além do princípio do prazer. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira*. Vol. 18, pp. 13-78. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

FREUD, S. (1996). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira*. Vol. 19, pp. 177-186. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

FREUD, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira*. Vol. 19, pp. 215-22. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)

KLEIN, M. (1973). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In Klein, M. *Progressos da Psicanálise*. (pp. 17-41). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940).

KLEIN, M. (1974). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).

LISPECTOR, C. (1964). *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

ROSA, G. (1986). *Grande sertão: Veredas*. 20ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SÓFOCLES. (1990). *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Introdução e notas de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar.

WINNICOTT, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In: Winnicott, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956)

WINNICOTT, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988).

**THE PSYCHICAL BIRTH PLOTS IN THE TALE *A LEGIÃO ESTRANGEIRA*
(THE FOREIGN LEGION) BY CLARICE LISPECTOR.**

ABSTRACT:

The author proposes a psychoanalytic interpretation of the tale *A Legião Estrangeira*, by Clarice Lispector, seeking to shed light on the human psychism constitution process. Through the helpless figure of the yellow chick and little girl Ofélia, Clarice portrays the turmoil that the infant will have to go through in his development in order to become, in fact, human. Thus, the author demonstrates an understanding of the profound mystery involved in the psychical birth of a being that needs maternal support and restraint in order to survive fear towards life. Finally, we believe that Clarice approaches fundamental aspects of human freedom and responsibility regarding the individual's own condition of being able to bear the burden of his/her existence.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Psychical birth. Childhood. Clarice Lispector. Maternal role.

**LES TRAMES DE LA NAISSANCE PSYCHIQUE À L'CONTE *A LEGIÃO*
ESTRANGEIRA (LÉGIION ÉTRANGÈRE) DE CLARICE LISPECTOR.**

RÉSUMÉ:

L'auteur propose une interpretation psychanalytique du conte *A Legião Estrangeira*, de Clarice Lispector, cherchant à faire la Lumière sur le processus de constitution de la psyché humaine. À travers la figure délaissée de poussin jaune et fille Ofélia, Clarice raconte la crise que l'enfant va passer par leur développement, à terme, devenir, en fait, un être humain. Ainsi Clarice démontre saisir le mystère profond implicite dans l'acte de naissance psychique d'un être qui a besoin de soutien et de retenue pour survivre peur envers la vie. A la fin, nous croyons que Clarice touche les aspects fondamentaux de la liberté humaine et la responsabilité devant leur condition d'être en mesure de supporter le poids de son existence.

MOTS-CLÉS: Psychanalyse; Naissance psychique. Enfance. Clarice Lispector. Maternage.

Ana Laura Moraes Martinez

Recebido em: 15-01-2015

Aprovado em: 22-03-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista